Beatrice Immediata

ERMÍNIA BRUNETTI

Apóstola e mística com dons extraordinários

Paulinas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Immediata, Beatrice
Ermínia Brunetti : apóstola e mística com dons extraordinários / Beatrice Immediata ; [tradução Adriana Zuchetto]. -- São Paulo : Paulinas, 2019. -- (Coleção em busca de Deus)

Título original: Erminia Brunetti : apostola e mistica dai doni straordinari
Bibliografia.
ISBN 978-85-356-4573-6

1. Brunetti, Ermínia, 1914-1996 2. Congregação das Filhas de São Paulo - História 3. Irmãs Paulinas - Biografia 4. Vida religiosa I. Título. II. Série.

19-30702 CDD-271.97092

Índice para catálogo sistemático:

1. Irmãs Paulinas : Religiosas : Biografia e obra 271.97092

Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

Título original da obra: *Erminia Brunetti, Apostola e mistica dai doni straordinari*.
© Paoline Editoriale Libri. Figlie di San Paolo, 2015. Via Francesco Albani, 21 - 20149 Milano - Italy

Direção-geral: *Flávia Reginatto*
Editora responsável: *Andréia Schweitzer*
Tradução: *Ir. Adriana Zuchetto*
Copidesque: *Ana Cecilia Mari*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Sandra Sinzato*
Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*
Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas
Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 — São Paulo — SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
http://www.paulinas.com.br
editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081
© Pia Sociedade Filhas de São Paulo — São Paulo, 2019

SUMÁRIO

PREFÁCIO 9
I. CASTIGLIONE DEI PEPOLI 13
II. O EVANGELHO PELAS ESTRADAS 21
III. UMA MUDANÇA PARTICULAR 31
IV. APÓSTOLA E MÍSTICA 53
V. CARISMAS EXTRAORDINÁRIOS 73
VI. "MÃE DOS MEUS SACERDOTES" 91
VII. A MISERICÓRDIA DO PAI 105
VIII. O OUTRO LADO DA VIDA, O PURGATÓRIO 119
IX. EM DIREÇÃO À OUTRA MARGEM 135
X. EM RECORDAÇÃO DE IRMÃ ERMÍNIA 147
APÊNDICE 155

PREFÁCIO

Falar de uma religiosa não é como falar de uma estrela do rock ou de uma personagem famosa, conhecida pelo grande público. É outro universo que por si já faz fronteira com o transcendente; se, além disso, trata-se de uma pessoa que viveu experiências extraordinárias, então a tarefa se faz ainda mais árdua. De fato, Ermínia Brunetti é uma Irmã da Congregação das Filhas de São Paulo que viveu experiências além do normal, recebeu revelações além do habitual numa rede de relações sobrenaturais desconhecidas pela maioria das pessoas.

Todos nós já ouvimos falar dos místicos. Pessoas que receberam dons particulares de Deus, e não por merecimento seu, mas por pura gratuidade do Senhor – as assim chamadas *gratis datae* – geralmente oferecidas em benefício de outros. Na história da Igreja, através dos séculos, existiram muitas figuras de místicos, mulheres e homens, que experimentaram nos caminhos do espírito um currículo, sem dúvida, incomum. Com frequência, além de não serem compreendidos, às vezes eram vistos com desconfiança e colocados sob suspeita.

Neste livro, enquanto se organiza a biografia de Irmã Ermínia, cruzam-se também vários fatos excepcionais ocorridos na sua vida. Graças singulares que o Senhor especifica lhe serem oferecidas em favor dos outros. Irmã Ermínia desenvolveu um apostolado particular no próprio coração da sua vocação de paulina. Faculdades como o discernimento, a capacidade de ler pensamentos, a clarividência, o dom de

curar, de libertar das possessões e muitas outras a levavam a um contato com as necessidades e o sofrimento humano de tantas pessoas que a ela recorriam.

Pode-se crer ou não em certas coisas que ultrapassam o racional. Todavia, não se pode negar a existência daquilo que não conseguimos compreender. O Senhor tem os seus desígnios para cada pessoa e possibilita a sua realização.

Contam-se muitos episódios, problemas resolvidos, graças alcançadas pela oração de Irmã Ermínia, seja da parte de quem estava presente, seja porque outros lhe contaram. Neste livro são narrados somente alguns, apenas para ter uma ideia daquilo que acontecia por meio dessa Irmã que, a contragosto, tinha aceitado do Senhor dons extraordinários aos quais, de boa vontade, teria renunciado. Irmã Ermínia não os desejava de fato. "Não os quero porque me fazem sofrer muito", disse uma vez com franqueza ao Senhor. Mas recebia como resposta da voz interior, que percebia habitualmente, estas palavras: "Eu escolho as coisas que não são. E escolhi você".

E surpreende observar como, tantos anos depois de sua morte, a fé de muitas pessoas na intercessão dessa Irmã ainda continua viva. De fato, contam-se sempre novas graças obtidas pela sua intercessão: curas inesperadas, dificuldades superadas... Irmã Ermínia, hoje, continua o seu apostolado através daquele mistério que é a comunhão dos santos. Aquela união mística que une a Igreja militante (que somos nós) à Igreja do purgatório e à Igreja triunfante: único Corpo místico de Cristo.

A vida de Irmã Ermínia pode oferecer uma luz nova, ou talvez um suplemento de luz, também através das experiências extraordinárias, a nosso relacionamento com Deus e com o próximo. Sobretudo a nosso conhecimento da misericórdia

de Deus, que se manifesta como Pai que ama cada pessoa com amor único. Nas revelações dos místicos, de fato, tomam formas sensíveis todos os apelos do amor e da compaixão de Deus pelo ser humano, já anunciados nas páginas do Antigo e do Novo Testamento.

Nota: Todos os fatos extraordinários narrados neste livro foram extraídos dos numerosos escritos de Irmã Ermínia Brunetti, além de diversos testemunhos, todos documentados.

I

CASTIGLIONE DEI PEPOLI

"EU TE FAREI PAI E MÃE"

Quando se começa a ler a vida de qualquer pessoa, é instintivo perguntar-se quem é, de onde vem, quando viveu. Isso serve apenas para enquadrar o todo e prosseguirmos tranquilos em nossa leitura.

No dia 17 de maio de 1914 nasceu Cesira. Os genitores, Augusto Brunetti e Maria Malfanti, moravam em Castiglione dei Pepoli, uma pequena localidade dos Apeninos bolonheses.

A menina era a primeira filha do casal e foi batizada no mesmo dia com um nome de origem etrusca: Cesira. Os imperadores romanos já tinham transformado este nome em "Cesare". Um nome de caráter imperial, portanto; mas a pequena Cesira estava destinada a outro império e a outro imperador. Mais tarde, na profissão religiosa se chamará Ermínia, Irmã Ermínia Brunetti. E, com tal nome, avançaremos, em seguida, contando sua particular experiência de vida.

Castiglione dei Pepoli não era um grande centro nem oferecia muitas possibilidades. É preciso levar em conta que estamos no início do século passado, quando a estrutura socioeconômica italiana ainda estava em vias de desenvolvimento. De fato, os primeiros fermentos do mundo industrial emergente conviveram com uma situação difusa do

proletariado nos limites da miséria. Além disso, começava a chamada “Grande Guerra” de 1915-1918 contra a Áustria, e toda guerra traz sempre novas dificuldades que se acrescentam àquelas já existentes.

Os genitores de Cesira eram pessoas laboriosas, dedicadas ao trabalhão e à família. Durante a guerra, Augusto foi chamado para o serviço militar, enquanto sua esposa esperava o segundo filho. Quando nasceu o irmãozinho de Cesira, o pai não estava, nem conseguiu permissão para visitar a família. Infelizmente, logo depois do nascimento da criança, a mãe ficou doente com a gripe espanhola, uma epidemia que naquele tempo fez muitas vítimas não só na Itália, mas em toda a Europa, e entre estas levou embora também a jovem mãe de Cesira. Augusto finalmente conseguiu obter permissão para voltar para casa, mas, quando chegou, sua esposa já estava sepultada havia três dias.

Existem sofrimentos mudos, que pesam como chumbo no coração de quem os sofre. E o pai de Cesira precisou suportar algo assim. Na sua casa, vazia da presença de Maria, sua esposa, encontrou o filho recém-nascido e a pequena Cesira que tinha apenas três anos. Em vão, esse homem procuraria uma ama para amamentar o pequenino: por conta do terror de contrair a gripe espanhola, da qual morrera a mãe da criança, nenhuma mulher aceitou tomar conta do pequenino. Augusto, então, decidiu casar-se novamente. De fato, seis meses depois da morte da sua mulher, casou com uma jovem do lugar, chamada Ildegarda Muratori.

A pequena Cesira, nesse meio-tempo, vivia com a avó materna, mas, com o casamento do pai, ela voltou para a família. Para Cesira, que era muito afeiçoada à sua avó, essa separação foi um novo trauma afetivo, depois da morte de sua mãe. Além disso, a dificuldade de chamar a nova mulher

do pai de "mamãe" foi certamente relevante para a menina. É uma dificuldade comum a todas as crianças, quando morre a mãe e o pai casa-se novamente. Isso acontece se a nova mãe não tem sensibilidade materna capaz de acolher os filhos da outra como seus. Mas parece que não foi a situação desta menina.

A pequena Cesira experimentou muito cedo o sofrimento. É de perguntar se esse evento pesou muito sobre sua sensibilidade de adulta. Provavelmente sim, e veremos isso mais tarde, quando desenvolverá um caráter de grande doçura, afabilidade e acolhimento de qualquer um que entrasse em contato com ela. Sobretudo sua atenção pelo sofrimento dos outros, com um modo de ser bastante maternal e afetuoso. Talvez o afeto que lhe faltou da mãe, a solidão do seu coração de menina, em vez de endurecê-la e torná-la egoísta e amargurada, forjaram-lhe um sentimento positivo: ela encherá de doçura e atenções o vazio dos outros, tendo já o experimentado na sua vida.

Mas a esse crescimento interior não é certamente estranha uma mão que vem do Alto. "Eu farei de ti um pai e uma mãe...", lhe dirá mais tarde uma voz dentro de si. E esta voz a acompanhará por toda a vida.

Cesira recorda que, já aos quatro anos de idade aproximadamente, percebia *presenças* que, porém, não via. Ouvia passos nas escadas, enquanto estava certa de estar em casa somente ela e a irmãzinha, Silvana, de quem cuidava, além de outros fenômenos que acreditava serem comuns também a outras pessoas e aos quais, por isso, não dava importância. Um dia, enquanto embalava Silvana, sentiu um forte golpe nas costas e por pouco não caiu da cadeira, junto com a pequena. Mas não se assustou. Talvez o Senhor lhe tirasse o

medo para prepará-la a um futuro que já estava nos seus planos misteriosos.

Cesira crescia e uma tia que morava na cidade, em Bolonha, pediu ao pai que a menina fosse morar com ela. Mas o verdadeiro motivo era que uma amiga sua, muito rica, tinha necessidade de uma companhia durante a tarde, que normalmente passava no teatro ou no cinema. E isso também quando saía de férias, porque o marido com frequência estava ausente. A tia achou que essa poderia ser uma excelente oportunidade de trabalho para a jovem sobrinha. Augusto explicou a situação à filha e a jovem demonstrou-se disponível, para agradar o pai e a tia. Tinha, então, 13 anos.

A experiência com a rica senhora não incomodou Cesira; pelo contrário, ela ficou contente. Em companhia da senhora, ia ao cinema, ao teatro: entretenimento, espetáculos de dança clássica e muito mais. Também a dança clássica despertava sua simpatia. Mas a elegância, a vida "cintilante" daquele mundo, não a fascinavam, apesar de ser muito jovem.

Um domingo, durante a missa, depois da consagração, viu no altar não mais o sacerdote que celebrava, mas Jesus crucificado, vivo. Cesira sentiu-se atraída por ele e ficou convencida de que Jesus a chamava. Essa foi a primeira percepção de sua vocação de consagração total. Ainda que não lhe fosse claro como haveria de viver no futuro.

O Papa Francisco contou um episódio da sua juventude que é, em certo sentido, semelhante àquele de Cesira. Tinha cerca de 17 anos e aquele dia 21 de setembro, início da primavera na Argentina, era Dia do Estudante, quando não há aulas. Antes de ir encontrar os amigos, passou na sua paróquia. Ali viu um sacerdote, no qual percebeu uma profunda espiritualidade, e decidiu confessar-se com ele. "Aquela confissão",

afirma Papa Bergoglio mais de meio século depois, "mudou a minha vida. Foi a surpresa, o espanto de um encontro; percebi que de fato estavam me esperando". E conclui: "A experiência religiosa é isso: o assombro de encontrar alguém que o está esperando. A partir daquele momento, para mim, Deus é aquele que se 'antecipa'. Você o está procurando, mas ele já estava procurando você. Quer ir ao encontro dele, mas ele o encontra antes".

Quem experimentou um chamado particular pode afirmar que, no fundo, foi assim mesmo: estava sendo esperado. Foi assim também para Cesira, embora ainda fosse menina. "Alguém" a estava esperando. Depois da experiência daquele domingo, Cesira começou a rezar mais.

UM ENCONTRO PROVIDENCIAL

Um dia, à casa daquela senhora, vieram duas jovens religiosas de uma recente congregação, as Filhas de São Paulo, as quais ofereceram livros religiosos e de formação e também a assinatura de uma nova revista que sairia no Natal de 1931: *Família Cristã*.

Cesira fez a assinatura. As Irmãs, antes de irem embora, perguntaram se ela gostaria de se tornar Irmã, e a convidaram a conhecer a comunidade delas na cidade. A partir daquele dia, a jovem começou a frequentar a comunidade das Filhas de São Paulo, também para conhecer mais a sua missão. Contudo, percebia que tinha necessidade de compreender melhor. Precisava de luz, antes de dar um passo tão importante como aquele, de uma escolha definitiva pela vida religiosa.

E começou a levantar-se durante a noite para rezar a via-sacra.

A escolha de Cesira de rezar a via-sacra toda noite, meditando a paixão e morte de Jesus, pode ajudar a compreender o grande impacto emocional que deve ter ocasionado, na sensibilidade da jovem, o fato de ter visto Jesus crucificado vivo... no lugar do sacerdote, durante a missa daquele domingo. E também podemos nos perguntar por que o Senhor mostrou-se crucificado e não de outro modo. Talvez porque quisesse no futuro associá-la à sua paixão dolorosa, como veremos.

Nesse ínterim, a jovem se decidiu pela vida religiosa na Congregação das Filhas de São Paulo. As Irmãs lhe agradavam. Eram mulheres consagradas a Deus, faziam o bem e difundiam o Evangelho, a Palavra de Deus para o povo. Isso era importante e queria tornar-se uma delas.

Essas Irmãs representavam também uma novidade para a situação da mulher na sociedade daquela época. O fundador da congregação, Padre Tiago Alberione, havia intuído que a mulher poderia ter uma missão importante na Igreja. O próprio apostolado do sacerdote tinha necessidade dessa atuação feminina. E, em 1915, escreve o livro *A mulher associada ao zelo sacerdotal*.[1] Foi um livro profético para aquele tempo. Lendo agora, a linguagem da época pode ter sido superada, mas as ideias não.

De fato, Alberione confiará tranquilamente a Irmãs muito jovens a gestão de livrarias, tipografias, missão nas paróquias, e até mesmo a redação e a impressão de um jornal diocesano. Tudo isso oferecia às jovens da época um reconhecimento de um "protagonismo" desconhecido por suas mães. Colaborar de modo ativo e criativo no apostolado, em contato com as pessoas, era algo absolutamente inédito para a mulher. E isso gerava entusiasmo.

---

[1] ALBERIONE, G. *La donna associata allo zelo sacerdotale*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2001.

Mas é preciso também observar que era um campo de pioneirismo, e o corajoso sacerdote piemontês sabia disso. Na Igreja daquele tempo, houve espanto e escândalo por causa das jovens Irmãs fora do convento. "Vocês são destinadas a causar muitos escândalos", disse o fundador às jovens Irmãs da congregação nascente, as Filhas de São Paulo. Naturalmente é o escândalo do Evangelho, o escândalo de Jesus que fala tranquilamente com a mulher samaritana no poço de Jacó, e não se importa quando os seus discípulos admiram-se de que fale com uma mulher (cf. Jo 4,27). Isso para a Igreja da época. Mas as coisas não eram melhores na sociedade laica.

Na Europa, os fermentos da libertação dos preconceitos, das exclusões ancestrais eram apagados ao nascer, enfatizando aqueles clichês da época romântica que garantiam o *status quo* da mulher, "submissa e anjo do lar", excluindo-a de toda contribuição do pensamento e da ação, tanto na Igreja como na sociedade. Não vamos nos deter aqui a examinar o problema, tratado em muitas outras publicações.

Portanto, as Filhas de São Paulo tiveram muito sucesso, como se costuma dizer, especialmente entre as jovens. De fato, elas afluíam numerosas à nova congregação religiosa. Havia depois o noviciado e todos os anos de formação, para avaliar a autenticidade da escolha por parte das jovens e também da congregação. O motivo que dá origem a qualquer vocação religiosa, ontem como hoje, é sempre uma escolha de doação total ao Senhor e para o bem dos irmãos, além das possíveis preferências institucionais. Contudo, aquele fermento de novidade apostólica que caracterizava as Irmãs Paulinas, como serão chamadas, atraía notavelmente a juventude feminina, ainda com poucas possibilidades na Igreja e na sociedade daquela época.

A Cesira não faltou oportunidade para escolher o caminho do matrimônio. A juventude é também a idade da beleza: é a primavera da vida com todo o seu fascínio. Por isso, a sua pessoa não passava despercebida. Havia um jovem interessado nela, e certo dia aproximou-se para propor-lhe um futuro juntos. Mas Cesira lhe revelou a sua escolha pela vida religiosa. Ele respondeu que, se abandonasse a ideia da vida religiosa, casaria com ela, mas se de fato entrasse para o convento, ele se tornaria padre.

Fantasia de adolescentes? Talvez. Mas, de fato, Cesira tornou-se religiosa e o jovem, sacerdote jesuíta. Os dois não se viram mais.

No dia primeiro de dezembro de 1930, Cesira entrou para as Filhas de São Paulo em Bolonha. Augusto, o pai, não estava de acordo, e foi à casa das Irmãs buscar a filha de volta. A família contava com a ajuda econômica da jovem e não queria privar-se dela. Mas foi tudo inútil; Cesira permaneceu firme, apesar da tristeza de ver seu pai zangado por sua causa.

De fato, dentro de si havia uma voz que lhe sussurrava: "Eu serei pai e mãe para ti. Não duvides, nem tenhas medo. Tu me pertences. Eu pensarei em ti e também neles". Começava a relação misteriosa entre a jovem e a voz de "Alguém" que a seguirá por toda a sua vida.

Augusto, porém, continuou a esperar por muitos anos o retorno da filha, inutilmente. E Cesira continuava a sofrer e a rezar por ele.